

Exemplo islandês

Categories : [Eduardo Pegurier](#)

A rua [Cannery Row](#) em Monterey, na Califórnia, é famosa pelo romance homônimo de John Steinbeck, inspirado na boemia local, e pela dramática história do debacle da sua indústria de sardinha.

A fantástica abundância da espécie nas águas próximas criou uma próspera atividade pesqueira e uma rua inteira de enlatadoras. Durante a Segunda Guerra Mundial, a demanda por sardinhas foi enorme e a produção chegou a 250 mil toneladas por temporada. Não durou. Em poucos anos os cardumes estavam exauridos e a pesca caiu a quase zero. Em meados dos anos 50, só restavam em Cannery Row os galpões abandonados das enlatadoras falidas.

Infelizmente, a história se repete. Por todo o mundo, o excesso de pesca ameaça a sobrevivência das principais espécies comerciais.

No artigo [“Tragedy of the Commons”](#) (algo como “A tragédia da propriedade comum”), publicado em 1968 na revista *Science*, o biólogo Garrett Hardin alertou que recursos naturais abertos à exploração serão fatalmente esgotados. Eis a sua história: imagine um pasto comunal onde vários pequenos fazendeiros soltam suas vacas para pastar. Individualmente cada um deles tem controle sobre seus animais, mas nenhuma voz sobre a administração sustentável do pasto, que é de todos. Conter as próprias vacas não impede que as dos outros pastem à vontade. Nessa situação, a propensão é que todos rivalizem pelo uso do pasto até a sua exaustão.

Existem duas saídas para a “tragédia”. A primeira é a regulação: reunir o grupo e criar regras para a administração sustentável dos recursos comuns. Essa solução costuma funcionar bem para comunidades pequenas. A segunda é transformar a propriedade comunal em propriedade privada, descentralizando o problema. No exemplo do pasto, significa dividi-lo em lotes particulares. Dessa forma, cada proprietário será incentivado a conservar o seu. Quando o número de envolvidos é grande, e concordar com regras comuns é difícil, essa pode ser a solução factível.

O *insight* de Hardin aplica-se muito bem aos atuais problemas da indústria pesqueira. Quando o acesso aos cardumes comercialmente valiosos é livre, há uma corrida desenfreada pela sua captura até o esgotamento. A tecnologia moderna é um agravante. Hoje, os navios pesqueiros são verdadeiras fábricas flutuantes, com enorme capacidade de estocagem e sonares que monitoram os cardumes. Os peixes não têm a menor chance.

Quando a pressão sobre uma espécie torna-se preocupante, os governos partem para a regulação. Define-se uma temporada de pesca, estipula-se quotas máximas de extração, limita-se os equipamentos, tais como o tamanho e o tipo de redes usadas. Isso resolve em parte o problema.

No Alasca, o halibut é uma espécie comercial importante. Para evitar a pesca excessiva foram impostas quotas anuais. Em 1975, os pescadores locais levavam 125 dias para alcançá-la. Em 1980, a quota anual era atingida em 25 dias e, em 1994, isso ocorria em incríveis 3 dias. O fenômeno ocorreu porque a imposição de uma quota anual não acabou com a corrida pelo halibut. Os pescadores da frota continuaram competindo uns com os outros para apanhar o máximo de peixe até atingir o limite legal. Para manterem-se no jogo, superinvestiram em barcos e equipamentos. A cada ano, os custos da indústria de halibut subiam, enquanto a qualidade do produto e a renda dos pescadores caíam. A regulação via quotas anuais não foi suficiente. Melhorou a conservação dos cardumes, mas tornou a indústria ineficiente.

A solução foi copiar os islandeses. A Islândia é um pequeno país localizado em cima do Círculo Ártico. São 300 mil pessoas vivendo em ilhas vulcânicas cobertas de geleiras (Islândia, ou *Iceland*, quer dizer terra do gelo). Apesar dessas condições inóspitas, o país alcançou um dos padrões de vida mais altos do mundo. É o sétimo na classificação do Índice de Desenvolvimento Humano, à frente dos Estados Unidos. Chegaram lá, em parte, tornando-se pescadores *high-tech*.

A indústria pesqueira islandesa responde por cerca de 70% das exportações e 40% do PIB, considerando todas as atividades ligadas ao setor. Entre as espécies locais comercialmente importantes estão o bacalhau, o haddock e o arenque, além de camarões e lagostas. Pela sua importância, a boa regulação da indústria pesqueira é fundamental. Talvez por isso, em 1979, foi o primeiro país a implantar o sistema de quotas individuais e transferíveis, as chamadas ITQs (*Individual Transferable Quotas*).

As ITQs são uma mistura de regulação e mercado. A cada ano, os biólogos responsáveis pela conservação dos cardumes estipulam um total máximo de pesca, expresso em toneladas, para cada espécie. Esse total é estimado visando à manutenção de estoques sustentáveis. Para evitar briga, quando o sistema foi implantado, cada pescador recebeu uma quota equivalente à média histórica da sua produção. Essa quota é expressa como um percentual da tonelagem máxima daquele ano. Exemplo: um certo Johanson tem 3% do total de 100 mil toneladas de arenque permitidas para 2004, ou 3 toneladas. Se em 2005, o total subir para 120 mil toneladas, seus 3% passarão a representar 3,6 toneladas, e assim por diante.

A combinação do total anual com as quotas individuais transforma os pescadores em fazendeiros. Ninguém mais precisa se apressar, já que é dono de uma parte do pescado. Cada um pode “colher” a sua quota anual no ritmo que quiser, eliminando a necessidade de superinvestimento em equipamentos. Outra vantagem é criar um mercado de quotas que premia a eficiência. Como os fazendeiros, os pescadores mais produtivos podem expandir suas atividades comprando mais quotas, e aqueles que não têm sucesso, ou querem abandonar a indústria, podem vender as suas.

O sistema tem seus críticos ferozes. É acusado de concentrar a indústria na mão de grandes

empresas e de expulsar os pescadores familiares, que usam métodos artesanais, naturalmente menos agressivos. Parece ser possível acomodar essas reclamações. O excesso de concentração pode ser impedido com medidas antitruste, como em outras indústrias. E a sobrevivência dos pequenos garantida, por exemplo, designando áreas costeiras para a pesca artesanal.

O fato é que o sistema está sendo adotado em diversos países. Na Islândia, o pioneiro, seu uso abrange quase todos os grandes pesqueiros comerciais. É aplicado em diversos pesqueiros na Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos, Itália, África do Sul, Holanda e Chile. No caso do halibut do Alasca, a adoção de ITQs em 1995 aumentou o tamanho e o valor da safra, ao mesmo tempo em que reduziu o número de barcos envolvidos na pesca. E o número de dias da temporada subiu de 3 para 245.